



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_45/2015

Homilia no funeral do Cónego Jorge Coutinho

Braga, Sé Catedral, 10.Nov.2015, 10h30

Os caminhos de Deus nos caminhos do homem

Mesmo sem querer, ao escutar este Evangelho recordei-me de imediato da famosa pintura de Caravaggio, *A vocação de São Mateus*. Existem determinadas obras que, pela sua densidade simbólica e mestria técnica, parecem viver agrafadas a alguns textos bíblicos. É o caso, a título de exemplo, do *Filho Pródigo* de Rembrandt ou de *Abraão e os três anjos*, de Chagall. Obras como estas são uma “porta aberta para o infinito, rumo a uma beleza e uma verdade que vão para além do quotidiano” (Bento XVI, 2011).

A *Vocação de São Mateus* divide-se em dois planos distintos e paralelos: o superior, preenchido pela única fonte de luz, vinda de uma janela à direita, atravessa toda a tela. Parece irradiar-se por detrás de Cristo, e este, com o seu braço estendido, projecta-a simbolicamente para as cinco personagens presentes na sala. Esta luz, como intuímos, o próprio Cristo. A mesma luz que João, no seu prólogo, diz ter vindo ao mundo e que a todo o Homem ilumina (cf. Jo 1, 9).

No plano inferior, está representado o preciso momento em que Cristo estende resolutamente o seu braço direito em direcção ao futuro apóstolo de nome Mateus. É de conversão e de iluminação que falamos nesta cena bíblica. Mateus, sentado à mesa, é interrompido nos seus afazeres e, em sobressalto, tal como Maria na anunciação, reage com um gesto natural. Questiona-se com o indicador da mão direita: “Serei eu?”. Das cinco personagens, apenas Mateus e os dois jovens à sua direita se apercebem da presença de Cristo, com o qual iniciam um complexo e intenso jogo de olhares.

Como são diferentes as nossas reacções, as nossas frágeis dúvidas, quando comparadas com a serenidade e firmeza de Cristo. Diz o Evangelho que Jesus **viu** um homem chamado Mateus e **disse-lhe**: “**Segue-me**”. Logo depois, **vendo** isto, os fariseus **diziam**: “**Por que motivo?**”. Por que motivo havemos de seguir Jesus? E que caminho é esse que devemos seguir, já que o complexo jogo do ver e do dizer, da certeza e da incerteza, não nos permite ver claramente a morada de Deus? «Que caminhos de Deus são estes que se cruzam nos caminhos do homem?», perguntou, certo dia, o Cónego Jorge Coutinho.

À luz de quanto escutámos hoje, os caminhos de Deus são os caminhos da misericórdia. O que significa isso? Significa que a misericórdia é o caminho que Deus escolheu para se fazer visível, reconhecível, tangível. Por outras palavras, sempre que o Homem realiza as obras de misericórdia (cf. Mt 25), Deus faz-se carne no seu caminho (cf. João Paulo II, *Dives in misericordia*, 2). Misericórdia



é, neste sentido, o sacramento da caridade, ou, como comentou São Beda, um modo próprio de ver a realidade: «Viu-o não tanto com os olhos do corpo, mas com o seu olhar interior, cheio de misericórdia. Jesus viu um publicano e compadeceu-Se dele; escolheu-o e disse-lhe: Segue-Me, isto é, imita-Me” (São Beda, Hom. 21: CCL 122, 149-151).

Creio que todos nós hoje sentimos que o Cónego Jorge Coutinho foi um escolhido de Deus e que ouviu, certo dia, a voz de Deus a dizer-lhe “segue-me”, “imita-me”. Foram muitos os momentos, as ocasiões, as entregas e as lutas que travou para se converter num discípulo missionário, num sacerdote com um coração compadecido.

– **Amor ao Seminário.** Em 1970 foi nomeado vice-reitor do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo. Para muitos seminaristas e alunos da Faculdade de Teologia, revelou-se um pilar seguro no crescimento espiritual, na procura de Deus e na estruturação do pensamento crítico. Trilhou, de certo modo, a máxima de Sto. Anselmo “fides quaerens intellectum”, bem como o seu contrário “intellectus quaerens fidem”. Um amor ao seminário, à formação e à pedagogia que nos comove ainda mais ao tomarmos consciência de que estamos em plena *Semana dos Seminários* com o lema “olhou-os com misericórdia”. Este é o momento para agradecermos às equipas formadoras dos seminários, às direcções das faculdades e aos professores universitários. Mas é, sobretudo, o momento para reforçarmos na nossa Arquidiocese uma verdadeira cultura vocacional, da qual ninguém se pode demitir.

– **Amor aos mais desfavorecidos.** O Cónego Jorge Coutinho foi, nos últimos anos, capelão do Colégio de S. Caetano. Viu com os seus olhos a fragilidade das relações humanas e soube, por meio de palavras sábias e afectuosas, restituir a esperança que muitas crianças pensavam ter perdido. São também vários os relatos de quem testemunhou a sua caridade para com os mais pobres. Não posso, por fim, esquecer o modo solícito com que aceitou a presidência da assembleia geral da Fraternidade Sacerdotal. É que também entre nós, sacerdotes, existem vidas a necessitar de uma mão fraterna.

– **Amor às iniciativas da Igreja.** Muitos dos que estão aqui presentes reconhecerão certamente, e sem demérito de ninguém, que o cónego Jorge Coutinho foi o rosto e o motor da Comissão da Quaresma e Semana Santa nos últimos anos. Estava programada a realização de uma homenagem. Aguardávamos apenas a evolução favorável do seu estado de saúde. Não foi possível. Isso não invalida, porém, que não o possamos fazer nesta eucaristia. Ao ter curado a Semana Santa, o Cónego Jorge Coutinho permitiu que muitas pessoas, com nomes e rostos incógnitos, se aproximassem de Deus e sentissem que a Igreja caminha ao seu lado, mesmo nos momentos de maior agrura.

– **Amor à Igreja, como colaborador e amigo.** As suas palavras eram sinceras, não se escondiam em refúgios ou esquemas maquinados. Criticava com amizade, elogiava com oportunidade e sugeria caminhos de mudança. Destaco este seu modo de ser porque é revelador de um espírito livre, transparente e desprendido dos aplausos efémeros. Uma amizade verdadeira não tem preço.

Poderia enumerar muitos outros caminhos de misericórdia que a vida do Cónego Coutinho nos inspirou. Não será, porventura, este o momento mais apropriado. Se recordei alguns traços da sua vida, fi-lo para dar forma ao Evangelho que escutámos há momentos. É que aquele Mateus, sentado à



mesa com olhar curioso, poderia ou poderá ser também algum de nós aqui presente. Não sabemos quando Deus entra na nossa casa ou até na casa de quem, pelos caminhos da razão, procura o horizonte de Deus.

Deus faz-se presente, como reflectiu profundamente o Prof. Coutinho, num horizonte que nunca possuímos ou abarcamos suficientemente pela razão. Preferia, por isso, falar de vias de acesso a Deus. Vias para afirmar Deus na penumbra que está para além do horizonte. E essa penumbra, de acesso árduo e por vezes até áfona, é a penumbra do Mistério.

Permitam-me, por isso, que termine com uma breve passagem de um texto de Teixeira de Pascoaes, cujo o pensamento foi tema da tese de doutoramento do Prof. Jorge Coutinho: «E quando penso em Deus, nas horas quotidianas, o meu pensamento abrange, por favor, as letras do seu nome. [...] Mas nós sentimos bem que, em certos momentos da vida, o nosso espírito, num ímpeto abrasador, volatiliza tudo, e o que aparece é Ele, – esse infinito incêndio cujas faúlhas são estrelas...» (Teixeira de Pascoaes, *Verbo Escuro*, 87).

Caro padre Coutinho, reza por nós nessa infinita luz que é Deus. Obrigado.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*